

Invasores retirados de parque ecológico

Grande operação envolvendo 200 servidores derrubou 100 barracos na Asa Norte

FRANCISCO STUCKERT

LÚCIA LEAL

A operação de desocupação do Parque Ecológico Burle Marx, na Asa Norte, incluindo o recém-criado Setor Noroeste, começou ontem e termina hoje, com a derrubada de aproximadamente 100 barracos. Não houve resistência dos invasores, a maioria vinda de Brasilinha (GO). Eles foram levados de volta para a cidade de origem, mas prometem voltar na esperança de conseguir um lote.

As famílias vivem de catar papel nas ruas do Plano Piloto e vender para empresas de reciclagem. Para ficarem mais próximas do local de trabalho, e assim economizar no ônibus e transporte do papel, levantam barracos nas áreas invadidas. "Elas vêm do Entorno; ficam aqui de segunda à sexta e, nos finais de semana, vão para suas casas", explica Lílian Godoi, do Centro de Desenvolvimento Social (CDS).

A família de Valdilete Araújo de Jesus, de 21 anos, é uma delas. São sete adultos e



NÃO houve resistência dos moradores durante a ação do GDF para derrubada dos barracos

cinco crianças, todos trabalhando como catadores de papel. Há há oito anos, mantêm barracos na invasão. Eles vieram da Bahia em busca de um

lote e não perdem as esperanças de conseguir, apesar da longa espera. "Fomos retirados daqui várias vezes, mas sempre voltamos porque não

temos como sobreviver em outro lugar", diz Valdilete.

Após a derrubada dos três barracos, que serviam de moradia aos vários núcleos da fa-

mília de Valdilete, todos foram levados para Brasilinha, onde vivem em um único lote. Segundo Valdilete, ninguém fica lá por muito tempo. "Já invadimos na Vila Planalto e depois viemos para cá; se não der para voltar, vamos para qualquer outra invasão", promete.

Depois de tantos anos morando em invasão, a família da menina que tem três filhos acabou se acostumando com as condições precárias que escolheram viver, no meio de montanhas de lixo e gambiarras para conseguir a água e luz, sem se importar com possíveis riscos de incêndio ou qualquer outro acidente. Conseguir um emprego ou pagar um aluguel de um imóvel legal não está nos planos da família, que, em compensação, possui três aparelhos de telefone celular. "Nosso telefone é de cartão; há uma grande diferença em pagar R\$ 10 pelo cartão e 200 de aluguel", explica Valdilete. Ela contou que a renda de toda a família é de R\$ 250 ao mês e que o telefone é essencial para os negócios.